

Bruna Ribeiro Troitinho¹

**RAÇA, COLONIALIDADE E PODER DESDE
ANTÉNOR FIRMIN**

***RACE, COLONIALITY AND POWER FROM
ANTÉNOR FIRMIN***

¹ Universidade Federal de Santa Maria, email: brunari.troitinho@gmail.com.

RESUMO

A história da área de Antropologia é narrada, em sua maioria, por escritores do Norte Global que, apesar de derrubarem teoricamente a perspectiva racialista e evolucionista que existia no século XIX, continuam ignorando teóricos do Sul Global. Este artigo discute a trajetória e a obra produzida por Anténor Firmin, antropólogo haitiano que em 1885 publicou *De l'Égalité des races humaines (Da Igualdade das Raças Humanas)*. Essa obra é uma importante crítica ao paradigma racialista que fundou a Antropologia, mas que se mantém silenciada na área. Assim, o artigo discute como o lugar social de Firmin foi responsável pelo apagamento da sua obra dentro da Antropologia. Recuperar as discussões iniciadas por escritores subalternizados é uma alternativa para compreender os limites que ainda existem nas bases teóricas da disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia, Anténor Firmin, Raça, Haiti.

ABSTRACT

Writers from the Global North who, despite theoretically overturning the racialist and evolutionary perspective that existed in the 19th century, continue to ignore theorists from the Global South mostly narrate the history of the Anthropology area. This article discusses the trajectory and the work produced by Anténor Firmin, a Haitian anthropologist who in 1885 published *De l'Égalité des races humaines (The Equality of the Human Races)*. This work is an important criticism of the racialist paradigm that founded Anthropology, but that remains silent in the area. Thus, the article discusses how Firmin's social place was responsible for the erasure of his work within Anthropology. Recovering the discussions initiated by subordinate writers is an alternative to understanding the limits that still exist in the theoretical bases of the discipline.

KEYWORDS: Anthropology, Anténor Firmin, Race, Haiti.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem objetivo discutir como a colonialidade do poder e saber atuaram atrelados ao racismo na trajetória intelectual do antropólogo haitiano Anténor Firmin, operando para o esquecimento deste na Antropologia. Anténor foi um diplomata e antropólogo que participou da Sociedade de Antropologia de Paris entre 1884 e 1888 e publicou em 1885 o livro *De l'Égalité des races humaines (Da Igualdade das Raças Humanas)*, o qual desafiava o racismo científico, que era paradigma dominante na época. Cabe destacar que a publicação em questão foi no mesmo ano da Conferência de Berlim, na qual os países europeus dividiram e dominaram parte do território africano, consolidando percepções de diferenças hierarquizadas.

Um dos primeiros locais no qual a Europa consolidou a destruição do Outro, subalternizando pelas diferenças a partir do genocídio das populações originárias foi na região do Caribe (TROUILLOT, 2018). Somada à entrada precoce nas rotas do capital e à abolição da escravatura por meio de uma Revolução¹, esta retira o Caribe das classificações ocidentais da academia.

Com uma população predominantemente não branca, o Caribe não era “ocidental” o suficiente para se adequar aos interesses de sociólogos. Todavia não era “nativo” o suficiente para se encaixar totalmente no compartimento selvagem no qual os antropólogos buscavam seus objetos de estudos favoritos (TROUILLOT, 2018, p. 200).

Para Trouillot (2018), os estudos da Antropologia, especialmente os que tratam da região do Caribe, são falhos ao ignorar a heterogeneidade e historicidade da região, bem como ao importar unidades de observação e análise do mundo ocidental. Corroborando com estas análises, está Sidney Mintz ao afirmar que a Antropologia “nos deveria ajudar a entender essa região contraditória e decididamente não-primitiva - não tanto como uma parte do chamado Terceiro Mundo, mas como a primeira parte do mundo fora do Ocidente, que foi anexada pelo “Primeiro” Mundo, ou mundo europeu” (MINTZ, 2003, p. 81). Portanto, a própria existência da região questiona os limites da construção das pesquisas antropológicas, que continuam a reproduzir análises binárias Ocidental/não ocidental. Com isso, discutir a trajetória e a produção de um antropólogo do século XIX se torna importante ao refletir sobre a construção da disciplina de Antropologia, bem como compreender se ainda estamos presos às críticas apontadas por Trouillot.

Meu encontro com Firmin se deu pelas mãos de estudantes haitianos durante a realização da pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2017 e 2018 (TROITINHO, 2019). Durante esses dois anos de muita troca de conhecimento, meus interlocutores me apresentaram diversos pensadores haitianos, os quais, durante minha formação, nunca estiveram presentes no currículo. Anténor Firmin se tornou uma curiosidade acadêmica. Busco compreender o racismo como uma estrutura fundadora da modernidade desde o início do sequestro de pessoas do

¹ Referência à Revolução Haitiana, ocorrida entre 1791 e 1804 e que resultou na abolição da escravatura antes dos demais da América Latina, bem como deu ao Haiti o título de primeira república negra.

continente africano, entre os séculos XV e XIX, e sua validação enquanto forma de ver o mundo por meio do paradigma racista do século XIX.

O paradigma racista foi refutado academicamente por escritores tanto do Sul quanto do Norte Global. Contudo, o presente artigo visa contribuir com as críticas produzidas por autores que foram retirados da historiografia da disciplina, já que em alguns casos, nas disciplinas dedicadas a isso, tem-se apresentação das teorias racistas, dos autores Evolucionistas², seguidos pela Antropologia Cultural estadunidense, como se as críticas às teorias racistas dentro da Antropologia fossem produzida apenas pelo Norte Global.

O SÉCULO DO RACISMO CIENTÍFICO

O século XIX consolidou as discussões anteriores sobre a origem das diferenças humanas a partir de explicações sobre o fenótipo, hierarquizando os humanos em inferiores e superiores. Somada a estas concepções e ao domínio político do continente africano, o resultado é um poder de classificação entre aqueles humanos que podem ser mais explorados que outros. De acordo com Mbembe, é neste século que se funda uma aliança entre dois discursos sobre a raça. O primeiro é biológico e o segundo é metafórico, cujo propósito é divisão e submissão entre “a política e a vida, a política e o poder de matar; o poder e as mil e uma maneiras de matar ou deixar (sobre)viver. (2014, p.103)”. Ainda nesta perspectiva, o autor irá argumentar que é neste período de dominação colonial que “[...] a raça aparecerá simultaneamente enquanto matriz material, instituição simbólica e componente físico da política e da consciência do império” (Ibidem, 118).

É a partir da percepção de que existem raças superiores e inferiores que o negro é desumanizado. Para Fanon, a colonização é um processo de animalização do negro: “E, na realidade, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem **zoológica**. [...] O colono, quando quer descrever e encontrar a palavra justa, **refere-se constantemente ao bestial**” (FANON, 1997, p.38, grifo meu). Mbembe (2014, p. 156) destaca que “ao longo do século XIX excluía os Negros do círculo da Humanidade, ou de certo modo, atribuía-lhes estatuto de inferioridade na escala das raças”.

Conforme Hobsbawm (2015), o século XIX foi a expressão mais forte da divisão do mundo entre “avançados” e “atrasados”, sendo que aproximadamente um quarto da superfície terrestre foi transformada em colônias de uma meia dúzia de Estados europeus. Essa expansão econômica das potências europeias necessitava de justificativas plausíveis para a dominação de outros povos, e eis que a ciência, principalmente a Antropologia, aparece como a ferramenta certa. A Antropologia que estava em curso buscou discutir como seria a colonização desses povos compreendidos como selvagens. De acordo com Asad (2017), a An-

² A tríade reconhecida como evolucionista são Lewis Henry Morgan (1818- 1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e James George Frazer (1854-1941).

tropologia, no período pré-guerra, produziu um conhecimento que corroborou direta ou indiretamente com as relações de poder e dominação da Europa e para com os não-europeus, ditos Terceiro Mundo.

Mas a antropologia se assenta, igualmente, em um encontro desigual de poderes entre o Ocidente e o Terceiro Mundo que data da emergência da Europa burguesa – um encontro de que o colonialismo é apenas um momento histórico específico. É esse encontro que dá ao Ocidente acesso a informações culturais e históricas sobre as sociedades que ele progressivamente dominou, e logo não apenas gerou um tipo de compreensão universal, mas também reforçou as desigualdades de capacidade entre a Europa e os mundos não europeus (e por conseguinte entre as elites europeizadas e as massas ‘tradicionais’ do Terceiro Mundo) (ASAD, 2017, p.322).

Dito isso, percebe-se que a história da Antropologia esteve vinculada ao contexto colonial e imperialista do século XIX, contudo vale ressaltar que assim como outras disciplinas de ciências humanas em seu período de formação, a Antropologia também possui contradições. Nas próximas seções, serão exploradas as contribuições do antropólogo haitiano Anténor Firmin para a formação da disciplina e seus principais argumentos.

ANTÉNOR FIRMIN: A TRAJETÓRIA DO POLÍTICO E INTELLECTUAL

Joseph Anténor Firmin nasceu em 1850, no Cabo Haitiano, e fazia parte de uma geração que vivia as consequências da Revolução Haitiana, como as constantes instabilidades políticas durante a estruturação do Estado Haitiano. De família humilde, alcançou a ascensão social através da educação e, posteriormente, fez sua carreira na política e diplomacia haitiana. A biografia feita por Jean Price-Mars³ é uma das obras fundamentais para compreender o contexto histórico do Haiti nos anos finais do século XIX e a formação do pensamento de Firmin. Nesta obra, Price-Mars apresenta a trajetória de Firmin entre o homem político e das ciências, que possuía uma profunda diversidade intelectual que o distinguia. Inclusive, o autor chega a afirmar que ele poderia ser considerado autodidata.

Foi no *Lycée Philippe Guerrier*, em Cabo Haitiano, que Firmin tomou classes de humanidades no que é conhecido como ensino secundário, o ensino médio. Formou-se em Direito em 1875 pela mesma instituição. Durante a sua formação acadêmica, trabalhou como instrutor e professor na Escola primária para meninos da cidade, na contabilidade e na administração para garantir o seu sustento (PRICE-MARS, 1978).

Na análise de Price-Mars, o lado político de Firmin se apresenta antes do intelectual em meados de 1870, quando ele se envolve com o Partido Liberal Hai-

³ Intelectual haitiano reconhecido como um dos principais escritores do Movimento Indigenismo Haitiano do início do século XX e de resistência cultural a ocupação estadunidense (1915-1934). Price-Mars também é considerado um dos pais do Movimento Negritude, de intelectuais de língua francesa em diáspora. Para saber mais sobre o autor e as conexões com Firmin, ver: MARQUES e KOSBY (2020); OBENGA (2014); DÉUS (2020).

tiano⁴, criado em 1867 e oposição ao Partido Nacional Haitiano. Em 1878, Firmin fundou o jornal *Le Messager du Nord*, que servia como um porta-voz do Partido Liberal Haitiano: “trabalhar para propagação de ideias liberais, será nosso ponto de governança e reunião.” (FIRMIN, 1878, s.p *apud* PRICE-MARS, 1978, p. 93, tradução minha)⁵. No ano seguinte, candidatou-se a Deputado pelo partido liberal e perdeu devido às disputas internas do partido entre Jean Pierre Boyer Bazelais e Pierre Théoma Boisrond-Canal. Para Price-Mars (Ibidem), a explicação da divisão entre os dois líderes era o desejo do segundo em manter-se no poder, uma vez que 1879 era o último do governo de Boisrond-Canal e as eleições para o legislativo seriam uma representação da disputa presidencial do ano seguinte. Por causa disso, as eleições para legislativo transformaram-se numa perseguição aos apoiadores de Bazelais, prejudicando Firmin. Sobre essa candidatura, o próprio Firmin fará algumas análises dessa disputa.

[...] opondo-se à minha chegada na Representação Nacional, animou as pessoas próximas da campanha para se agruparem contra minha candidatura dizendo-lhes: “Firmin é um mulato tão claro quanto um branco.” Quando, perante as explosões grosseiras e a descarada disseminação de ilegalidades, abandonei a assembleia primária, seguido por meus amigos protestando [...]. A verdade é que a questão da cor é para o uso de todos aqueles que desejam perpetuar a noite que reina no imaginário popular no Haiti, para obter benefícios pessoais. (FIRMIN, 1905, p.426, tradução minha).⁶

Nesse trecho, percebe-se o papel que as relações entre negros e mulatos continua a desempenhar no país⁷. A respeito da identidade racial dos governantes do Haiti, Firmin afirma que muitos políticos utilizaram a questão de cor como *instrumentum regni*, com distribuição de cargos políticos e dinheiro para manterem-se no poder, aumentando a brecha social que existia no país (FIRMIN, 1905). A consequência dessas disputas em torno do poder será o conflito de 1883, quando uma tentativa de golpe por parte de Boyer Bazelais “engendraram a carnificina e o holocausto de um punhado de homens cuja ação inteligente poderia ter sido útil para a vida cívica, econômica e intelectual do país” (PRICE-MARS, 1978, p. 115, tradução minha)⁸. Essa revolta foi a responsável pelo rompimento político de An-

⁴ Os fundadores do Partido Liberal foram: Jean Pierre Boyer Bazelais (1833-1883), que formou parte do governo de Fabre Geffrard e em 1883 foi um dos principais participantes da insurreição contra o governo de Lysius Salomon, resultando no seu assassinato no mesmo ano; Pierre Théoma Boisrond-Canal (1832-1905) foi presidente do Haiti por três vezes: entre 1876 e 1879, 1888 e 1902 (GARNICA, 2020).

⁵ No original: “Travailler à la propagation des idées libérales, sera notre point de gouverne et de ralliement.”

⁶ No original : “[...] en s’opposant à mon arrivée à la Représentation nationale, avaient excité le peuple des campagnes circonvoisines à se grouper contre ma candidature, en leur disant: “Firmin est un mulâtre aussi clair qu’un blanc”. Lorsque, devant les débordements de la soldatesque et des illégalités effrontément étalées, j’abandonnai l’assemblée primaire, suivi de mes amis protestataires [...].La vérité, c’est que la question de couleur est à l’usage de tous ceux qui désirent perpétuer la nuit qui regne dans le cerveau populaire en Haiti, pour en tirer des avantages personnels.”

⁷ As disputas político-ideológicas entre os mulatos e os negros acontecem desde a Revolução até a história mais moderna do Haiti, como é analisado nos textos: David Nicholls (1978); Dominique Rogers (2003); Léon-François Hoffmann (1989); Micheline Labelle (1987).

⁸ No original : “[...] engendrèrent le carnage et l’holocauste de toute une poignée d’ hommes dont l’action intelligente eut pu être utile à la vie civique, économique et intellectuelle du pays.”

ténor Firmin com o presidente Lysius Salmon, que meses antes o havia enviado para representar o Haiti na Venezuela no centenário de nascimento de Bolívar (PRICE-MARS, 1978; GARNICA, 2020). Assim, ao final de 1883 Firmin embarcava em direção à Paris para manter-se afastado das disputas políticas e retornando ao seu país de origem em 1889 para assumir cargos de ministro.

Em relação à atuação como Ministro do Comércio e Relações Exteriores, entre os anos de 1889 e 1891, destaca-se a defesa da integridade territorial da República Haitiana, em 1891, na disputa pelo Môle Saint-Nicolas, comuna situada ao norte, com os Estados Unidos, que ambicionava construir uma base militar no local (HOFFMAN, 1997; PERIA, 2017; PRICE-MARS, 1978). Essa vitória da na política externa resultou em prestígio político que o levou a ocupar outro ministério, o das Finanças, e posteriormente foi enviado novamente à Paris. Para Hoffman (1997), esse segundo envio objetivava retirá-lo do cenário político doméstico devido a crescente popularidade entre a massa e uma percepção dos dirigentes de uma ameaça política comprovada com seu retorno em 1902, quando ele se candidata à presidente. Price-Mars (1978, p.336) destaca que “Anténor Firmin era um candidato presidencial cujo prestígio, influência e popularidade lhe haviam rendido uma radiação geral em toda a República. É claro. Mas ele era apenas um civil.”⁹ Até aquele momento, todos os governantes do país possuíam algum cargo militar, por isso Plummer (1988) defende Firmin como um progressista lutando por um governo de civis contra militares que se dedicavam a tornar-se senhores da guerra. Por causa da questão de ter um representante militar, Firmin associou-se com Jean Jumeau, Chefe Militar no Departamento de Artibonite, pois enfrentava o General Pierre Nord Alexis, responsável por transformar a disputa política num enfrentamento militar. Resultado dessa batalha foi a eleição de Nord Alexis e o exílio de Firmin em São Thomas, onde permaneceu até sua morte em 1911.

No período de exílio, o autor dedicou-se a escrita da obra *M. Roosevelt, President des Etats Unis et la République d’Haiti* (1905), a qual é organizada a partir de uma análise histórica dos dois países, Estados Unidos e Haiti, e apresenta vários elogios à política externa de Roosevelt. Analistas apontam que é difícil precisar se havia uma sincera admiração ou se era uma manobra para conseguir apoio do presidente estadunidense para seus planos de retorno ao Haiti, organizando o levante de 1911 (PRICE-MARS, 1978; HOFFMAN, 1997). Outra obra publicada durante o exílio é *Lettres de Saint-Thomas: Études sociologiques, historiques et littéraires* (1910), na qual discutia a ideia de uma confederação antilhana.

Em relação a este posicionamento de Firmin, cabe ressaltar a ligação dele com líderes independentistas da região, como Ramón Emeterio Betances, porto-riquenho, e José Martí, cubano. Este último teria se encontrado com Firmin pelo menos três vezes no Cabo Haitiano em busca de apoio político para a independência cubana (EYMA JUNIOR, 2011, p. 26-27 *apud* DÉUS, 2020, P. 208). Esta parte da história do autor foi esclarecida recentemente em 2011 com a publicação do

⁹ No original: Anténor Firmin était un candidat à la présidence dont le prestige, l’influence et la popularité avaient acquis un rayonnement général dans toute la République. C’est entendu. Mais il n’était qu’un civil.”

livro: *L'actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*, resultado do Colóquio Internacional Anténor Firmin, organizado na Universidade Quisqueya, no Haiti. Marques e Kosby (2020) apontam a publicação de *Joseph Anténor Firmin: lazos con Cuba*, de Diana Cantón Otaño, demonstra os laços de amizade e admiração entre o haitiano e líder cubano, bem como o interesse de ambos em criar uma união antilhana.

Sobre a trajetória do intelectual, Price-Mars (1978) demarca a chegada de Firmin à Paris, em 1883, como o marco do nascimento do homem das ciências, especialmente, pelo ingresso na Sociedade de Antropologia de Paris (1884), a publicação *De l'Égalité des Races Humaines* (1885) e o aprofundamento no diálogo com outros intelectuais. Foi por meio do encontro com Ernest Aubertin que Firmin conheceu Louis-Joseph Janvier¹⁰ e Gabriel de Mortillet, membros da Sociedade de Antropologia de Paris. Tendo em vista o interesse de Firmin do debate sobre raça, os três conhecidos o convidaram a ingressar na Sociedade (FIRMIN, 1885: PRICE-MARS, 1978: GARNICA, 2020).

Cabe destacar que a obra firminiana é um retrato das discussões dos anos finais do século XIX, especialmente na Europa, com diálogos com outros intelectuais haitianos. Peria (2017) afirma que o pensamento de Firmin se enquadra numa geração de intelectuais haitianos pós-revolução que produziram um pensamento crítico ao colonialismo e às concepções de raça, como Jean Louis Vastey, Hannibal Price¹¹, Louis Joseph Janvier.

DA IGUALDADE DAS RAÇAS HUMANAS

O livro *De l'Égalité des Races Humaines: Antropologie Positive* foi publicada em 1885 com um total de 665 páginas e organizado em 20 capítulos, os quais discutem: a constituição de uma ciência especializada nos estudos do homem: a antropologia; o debate científico em voga naquele momento: monogenismo e poligenismo¹²; os estudos craniométricos de classificação das raças humanas e o argumento central da igualdade das raças humanas. O primeiro capítulo *A Antropologia, sua importância, suas definições e seus domínios* apresenta os caminhos que essa nova ciência estava traçando e seus desafios para o reconhecimento como tal. Apesar da Antropologia como ciência não estar institucionalizada no período de debate do livro, o autor apresenta as disputas que estavam em voga entre o domínio filosófico e naturalista (biológico) sobre os estudos do homem.

¹⁰Migrou para Paris em 1877 para cursar Medicina, por meio de uma bolsa do governo haitiano, na Faculté de Médecine de Paris e após sua formação, permaneceu na Europa como representante diplomático em Paris e depois em Londres. No ano de 1882, publicou o livro *Les détracteurs de la race noire et de la République d'Haïti*, no qual apresentava ensaios de grandes personalidades descendentes da África tanto na Europa quanto na América (GUARNICA, 2020).

¹¹Hannibal Price foi deputado, diplomata e advogado e assim como Firmin escreveu várias obras, nas quais se destacam: *De la réhabilitation de la race noire par la République d'Haïti* (Da Reabilitação da Raça Negra pela República do Haiti). Para saber mais sobre este intelectual, ver Déus (2020).

¹²Durante o século XIX, essas duas correntes disputavam as explicações sobre a origem humana. De um lado, a monogenista acreditava que a humanidade tinha uma origem comum. Por outro lado, a poligenista acreditava na existência de diferentes raças humanas, as quais constituíam tipos específicos (SCHWARCZ, 1993).

O subtítulo *Antropologia Positivista* demonstra o uso dos argumentos de Auguste Comte como alternativa ao determinismo biológico em voga. Para o autor, o positivismo não é pensado somente como um método, mas também como “uma filosofia saudável que consiste em seguir as leis da natureza, à medida que contribuimos de maneira inteligente para reforçar a harmonia de todos os elementos, seres humanos e planetas, na imensa extensão do nosso planeta” (FIRMIN, 1885, p. 248, tradução minha)¹³. Ao longo de seu livro, ele chama as correntes teóricas que defendem a desigualdade das raças de anticientíficas e anti-filosóficas. Firmin utiliza a categorização dos quatro campos de conhecimento: cosmológico (geologia, química inorgânica, física e geografia), biológico (anatomia, fisiologia, química orgânica), sociológico (história, arqueologia, linguística) e filosófico (moral, estética, teologia), os quais todos devem ser estudados pelos antropólogos.

[...] comprometer-se todos os tipos de estudos para que ele se torne inegavelmente competente em o campo. Aqui é preciso raciocinar com autoconfiança em todos os temas, seja de espírito ou matéria. É preciso considerar o mundo e o pensamento, tanto o fenômeno quanto número, para usar a terminologia de Kant (FIRMIN, 1885, p. 4, tradução minha)¹⁴.

Analisando vários dados sobre o índice cefálico, o autor conclui que estes índices fornecem pouca informação para o antropólogo que corroborem com a divisão racial à época existente. Para Firmin, o índice facial proposto por Broca¹⁵ também era passível de crítica, uma vez que os dados usados para gerá-los eram “não apenas errôneos e irregulares, mas também frequentemente contraditórios” (Ibidem, p.109). Ademais, podemos argumentar que ele é um dos primeiros antropólogos a localizar a cor da pele com a melanina: “grânulos finos sob a epiderme, dando à pele do etíope seu tom preto” (Ibidem, p. 118, tradução minha). Nesta mesma linha de argumentos, o autor defende a separação de língua da raça, observando que não é uma base confiável para a classificação da raça. Dessa forma, conforme aponta Fluehr-Lobban (2000), os argumentos de Firmin em sua obra sobre o potencial da antropologia de sintetizar conhecimento anteciparam os argumentos da antropologia cultural de Franz Boas.

A respeito das influências da participação de Firmin na Sociedade de Antropologia de Paris, Fluehr-Lobban (2007) aponta, a partir dos registros das reu-

¹³No original: “La saine philosophie, réduite ainsi à une synthèse de toutes les notions et de toutes les conceptions, consiste alors à se conformer aux lois de la nature, tout en concourant avec intelligence à l’harmonisation de tous les éléments, hommes et choses, répandus sur l’orbé immense de notre planète.”

¹⁴No original: “[...] se verrait-il forcé de s’initier à tous les genres d’études et parcourir toutes les sphères de la connaissance, sans en omettre la moindre partie. Jamais étude ne fut plus complexe. Là, il faut raisonner avec assurance sur tous les sujets, qu’ils relèvent de l’esprit ou de la matière; il faut envisager le monde et la pensée, le phénomène et le noumène, suivant la terminologie de Kant.”

¹⁵Pierre Paul Broca foi um dos precursores na Antropologia Física. No trabalho de Broca intitulado *Mémoire sur l’hybridité*, ele afirma: “a espécie é um conjunto de indivíduos que descendem numa linha reta sem mistura de um casal único e primordial” (BROCA *apud* FIRMIN, 1885, p. 67, tradução minha). Segundo Broca, existiam dois tipos de humanos: Etíope e Caucásico, sendo o primeiro, por conta da cor da pele, menos desenvolvido, situado entre um quase humano e animais.

niões dessa Sociedade, o constante silenciamento do autor em função de sua discordância com o determinismo biológico da raça e de sua cor. Um dos relatos que corrobora com essa discussão é o episódio com Clémence Royer¹⁶, uma das pioneiras em ciência e tradutora do livro “A Origem das Espécies” para o francês, em que ela teria perguntado se a capacidade intelectual de Firmin não era resultado de alguma ascendência branca (FLUEHR-LOBBAN, 2005). O livro de Anténor Firmin é permeado de afirmações que remetem às discussões presentes dentro e fora da Sociedade de Antropologia de Paris. No prefácio, ele apresenta seu objetivo: debater com aqueles que “dividem a espécie humana em raças superiores e inferiores”.

Não pude dissimular. Meu espírito ficou em estado de choque quando li diversas obras onde se afirmava dogmaticamente a desigualdade das raças humanas e a inferioridade nata dos negros. Uma vez aceito como membro na Sociedade Antropológica de Paris, a discussão não me deveria parecer ainda mais incompreensível e ilógica? É natural ver compor uma mesma associação e dotar-se de um mesmo título, homens que a própria ciência - de que se supõem representantes - parece declarar desiguais? (Firmin, 1885: p.8, tradução minha)¹⁷.

No excerto, o autor relata sua reação ao ler obras que tinham como tese a desigualdade das raças, provavelmente se referindo à obra *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, de Arthur Gobineau, publicado em 1855. Segundo Munanga (2019), a tese básica de Gobineau é que a mistura entre as raças superiores (ariana) e inferiores (os demais povos) leva a degenerescência quando se dilui a parte ariana no cruzamento. Em resposta a Gobineau, Firmin nos apresenta uma obra dedicada a desmistificar essa desigualdade. Uma das teses utilizadas pelo autor é uma imensa pesquisa sobre a história da filosofia para demonstrar a importância dos negros do Egito como um centro do saber, tanto filosófico como matemático (DÉUS, 2020: FLUEHR-LOBBAN, 2005).

A origem da matemática remonta ao Egito negro, a pátria dos Faraós. Todos os estudiosos que se ocuparam da história das ciências exatas são unânimes em reconhecer que os antigos egípcios foram os criadores da geometria. Mais de três mil anos antes da era cristã, quando as nações da Europa eram ainda em estado bárbaro, os Hamitas viviam nas margens do rio do Nilo já faziam cálculos geométricos sobre área de diferentes tipos de superfície. No papiro de Khind no Museu Britânico de Londres, deciframos alguns dos problemas de geometria prática em triângulo, círculo, trapézio, etc. De acordo com a estimativa do Dr. Samuel Birch, um dos maiores conhecidos egipetólogos, o original do qual este papiro é uma cópia datada de 3.300

¹⁶No prefácio da edição francesa de *Origem das Espécies* escrito por Royer, ela afirma que o livro apresenta uma seleção natural da qual sem dúvidas as raças superiores iriam suplantar as inferiores, pois como cientista de sua época acreditava que a igualdade dos seres humanos era impossível. Por isso, ao longo do texto de Firmin, há várias passagens criticando extensivamente seu pensamento. Contudo, destacamos a forma como o autor refere-se à Royer: “é uma estudiosa e uma cientista, mas ela é uma mulher. Existem problemas de tal complexidade que eles podem ser adequadamente estudados apenas pelos homens” (FIRMIN, 1885, p.271), demonstrando que, apesar dele lutar pela igualdade das raças, ainda acreditava na desigualdade entre os gêneros.

¹⁷No original : “Je n’ai pas à le dissimuler. Mon esprit a toujours été choqué, en lisant divers ouvrages, de voir affirmer dogmatiquement l’inégalité des races humaines et l’infériorité native de la noire. Devenu membre de la Société d’anthropologie de Paris, la chose ne devait-elle pas me paraître encore plus incompréhensible et illogique? Est-il naturel de voir siéger dans une même société et au même titre des hommes que la science même qu’on est censé représenter semble déclarer inégaux?”

anos antes de Cristo. (FIRMIN, 1885, p.250-251, tradução minha)¹⁸.

No capítulo *Egito e a Civilização*, Firmin se dedica a demonstrar que os egípcios não pertenciam ao tipo caucasiano, através de uma análise dos monumentos e das diversas representações de personalidades egípcias, como é o caso de Ramessés II¹⁹, para demonstrar fatos sobre a influência do Egito Antigo na Civilização Ocidental, refutando assim o argumento da inferioridade negra. O autor que influenciou as pesquisas de Firmin sobre o Egito foi Jean François Champollin, um dos primeiros egiptólogos que se dedicou a tradução de hidrógrafos, como se pode ver pela escolha da epigrafe uma frase de Champollin: “O Egito é toda a África, não a Ásia”.

O autor dialoga com egiptólogos que pesquisaram variações linguísticas²⁰ objetivando refutar afirmações, em especial de autores como Arthur de Gobineau e Samuel George Morton²¹, que acreditavam que a origem dos egípcios vinha de brancos da Ásia, o que garantia “virtude e influência regenerativa do sangue caucasiano” (FIRMIN, 1885, p. 343). O argumento firminiano é que o Egito Antigo foi constituído desde uma variedade de tipos descendentes dos povos negros da região de Núbia, o que é sustentado com uma análise da fauna e flora, de hieróglifos e dos monumentos dedicando a cada uma dessas uma seção do capítulo. No que tange a análise de grafia, os hieróglifos, Firmin explora a palavra *Retou*, cujo significado é “nativo egípcio”, além da percepção de os próprios egípcios nomeavam sua terra como *Kemet* (terra negra), antecipando os argumentos de Cheikh Anta Diop, historiador senegalês reconhecido por reivindicar o enegrecimento do Egito. Obenga (2014) classifica Firmin como um dos primeiros egiptólogos a discutir as origens negras do Egito, desconstruindo a perspectiva ocidental e branca.

Firmin postula que a civilização Kemtética-Egípcia era uma civilização negra e que a raça negra fez contribuições notáveis para a civilização universal, que são frequentemente minadas pelos estudiosos ocidentais. Suas exposições revisionistas foram motivadas por um

¹⁸No original: “L’origine des mathématiques remonte à la noire Égypte, la patrie des Pharaons. Tous les savants qui se sont occupés de l’histoire des sciences exactes sont unanimes à reconnaître que les anciens Égyptiens ont été les créateurs de la géométrie. Plus de trois mille ans avant l’ère chrétienne, alors que les nations européennes étaient encore à l’état barbare, les Chamites qui habitaient les bords du Nil faisaient déjà des calculs géométriques sur l’aire de diverses espèces de surface. Dans le papyrus de Khind au British Museum de Londres, on a déchiffré divers problèmes de géométrie pratique sur le triangle, le cercle, le trapèze, etc. D’après l’estimation du Dr Samuel-Birch, un des plus grands égyptologues connus, l’original dont ce papyrus est la copie remonterait à 3.300 ans avant Jésus-Christ.”

¹⁹Foi um dos reinados mais duradouros da história egípcia, aproximadamente 66 anos, e deixou um legado de monumentos como os Templos na região da Núbia, Abul-Simbel, nos quais há estátuas que representam Ramessés II. A descoberta arqueológica de Abul-Simbel data de 1812 e então ao longo do século XIX há vários estudos sobre Egito Antigo, como L’Histoire Ancienne de l’Orient de François Lenormant, de 1881, na qual Firmin retira uma representação de Ramessés II.

²⁰As pesquisas que Firmin utiliza para dialogar são: *Ueber das Verhältniss der Aegyptischen Sprache zum Semitischen Sprachstamm* de Theodor Benfey (1844); *Aegyptens Stelle in der Weltgeschichte* de Christian Karl Josias von Bunsen (1844); *Histoire ancienne des peuples de l’Orient* de Gaston Maspero (1875); *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques* de Ernest Renan (1855); *Voyage en Égypte et en Nubie* de Jean-Jacques Ampère (1868).

²¹Publicou em 1839 *Crania Americana*, no qual analisou medições de crânios classificados em Caucásios, Malaios, Americanos e Etíopes e defendendo origens diferentes entre os homens. Em 1844 publica *Crania Aegyptica*, no qual fará uma defesa do Egito Antigo como caucasiano. Morton foi um dos defensores da inferioridade negra através da craniometria, bastante reconhecida durante o século XIX. (HARRIS, 1968).

desejo genuíno de corrigir a perspectiva europeia sobre a história e cultura africana, bem como valorizar as conquistas negras na história humana. Ao fazê-lo, o antropólogo-intelectual haitiano estava simultaneamente a desconstruir a Egíptologia ocidental e a reformular a antiga narrativa histórica egípcio-africana. (JOSEPH, 2014, p. 128, tradução minha)²².

Além disso, o autor realiza um estudo minucioso sobre a literatura e a história da jovem República Haitiana, a fim de corroborar seu argumento que os negros tinham tanta inteligência quanto os brancos e que a Revolução Haitiana prezava por liberdade e igualdade, direitos que à sua época eram tidos como exclusividade branca (FIRMIN, 1885). Ao longo das mais de seiscentas páginas, Firmin rebate o argumento de Gobineau, o qual afirmava que a Revolução Haitiana tinha sido um massacre sem lógica, pois era uma violência desmedida por parte dos negros.

O capítulo *A evolução intelectual da raça negra no Haiti* apresenta a biografia e os escritos de jovens poetas haitianos, como Ducas-Hippolyte e M. Emmanuel Édouard, para então questionar: “[...] a revolução não ocorreria nas mentes do mundo europeu se, de vez em quando, encontrassem negros como esses, tão aptos para destruir as pretensões que a raça caucasiana exhibe ao monopólio do mundo inteligência e todas as aptidões superiores?” (FIRMIN, 1885, p. 452, tradução minha)²³. O autor também questiona as teses da inaptidão do negro para a ciência usando o exemplo de Louis Joseph Janvier como seu colega na Sociedade de Antropologia de Paris e integrante de outras sociedades científicas, como a de Legislação Comparada e Literatura Internacional. A outra parte do capítulo será uma análise da história de Touissant L’Overture, pois, para Firmin, a Revolução Haitiana era o ponto inicial da discussão sobre a igualdade das raças porque demonstrava por meio de líderes como Touissant L’Overture a capacidade intelectual e moral tão negada aos negros no século XIX. Em relação à Revolução Haitiana, Trouillot (1995) afirma que as potências colonizadoras não acreditavam na capacidade de negros, escravizados e ex-escravizados organizarem uma revolução e fundarem um Estado independente tal como aconteceu, isso porque a crença em raças inferiores e superiores já estava em curso.

De acordo com Thomaz (2011, p.280, grifo meu), “Firmin, antropólogo haitiano, deveria ser reivindicado **como um dos pais da antropologia moderna**, mas sua obra permaneceu desconhecida fora do seu país e só ganhou uma tradução para o inglês no ano 2000, 120 anos depois”.

²²No original: “Firmin posits that the Kemetic-Egyptian civilization was a Black civilization and that the Black race had made notable contributions to universal civilization, which are often undermined. in Western scholarship. His revisionist exposés were motivated by a genuine desire to correct European perspective on African history and culture as well as to valorize Black achievement in human history. In so doing, the Haitian anthropologist-intellectual was concurrently deconstructing Western Egyptology and reshaping ancient Egyptian-African historical narrative.”

²³No original: “ [...] révolution ne s’accomplirait pas dans l’esprit du monde européen si, de temps à autre, on rencontrait des Noirs tels que ceux-là, si bien faits pour détruire les prétentions que la race caucasique affiche au monopole de l’intelligence et de toutes les aptitudes supérieures? ”

Retornemos a verdade, eles reconhecerão que os homens em todos os lugares são dotados das mesmas qualidades e dos mesmos defeitos, sem distinção de cor ou forma anatômica. **As raças são iguais;** todos eles são capazes de escalar às virtudes mais nobres, ao mais alto desenvolvimento intelectual, como cair na degeneração mais completa (FIRMIN, 1885, p.662, tradução minha, grifo meu)²⁴.

Conforme o exposto nesta seção, Firmin defende igualdade das raças humanas diante do debate científico existente ao longo do século XIX. A respeito da concepção de igualdade firminiana, Sinsin (2020) afirma que ela se divide em quatro aspectos filosóficos: natural; política; Nações e social. A primeira refere-se à defesa de Firmin de que toda a humanidade descende de uma mesma origem; a segunda seria uma consequência da anterior, pois, como toda a humanidade tem a mesma origem, deveria gozar de direitos iguais. Logo, essa perspectiva de igualdade política não seria compatível com a permanência da escravidão. A terceira é a percepção de que a igualdade das raças é corolário para igualdade das Nações. Na perspectiva firminiana, a política estrangeira das Nações europeias era essencialmente baseada num caráter racial. Por isso, ele reivindicava o reconhecimento internacional do Haiti como um país com plena possessão de sua soberania. Logo, o último aspecto da igualdade é consequência prática tanto da igualdade natural e política. É o acesso material a uma justiça social. Dessa forma, a filosofia firminiana sobre igualdade desafia o racismo científico europeu bem como desnaturaliza a escravização ao defender que todos os humanos são possuidores de uma mesma humanidade.

Na perspectiva firminiana, a igualdade das raças postula uma consagração definitiva e superior da igualdade de todos os povos do universo; e enfatiza que em todos os lugares onde estão lutando pela democracia e todos os lugares onde a diferença de condições sociais é ainda motivo de competições e de resistências, o postulado da igualdade das raças será um salutar remédio (FIRMIN, 1885, p. 645). Para Charles (2011, p. 67), o conceito de igualdade das raças, dos povos e das nações constitui-se uma **contra-ideologia, uma antítese ao paradigma ocidental que sustenta a ordem mundial do final do século XIX e do início do XX** (DÉUS, 2020, p.216, grifo meu).

Por isso, para alguns teóricos a obra firminiana nasceu morta, sem espaço acadêmico, por contrariar os paradigmas hegemônicos a sua época, pela sua nacionalidade e principalmente pela cor de sua pele (BERNASCONI, 2008; FLUEHR-LOBBAN, 2007; WILLIAMS, 2014). Anténor Firmin foi um autor esquecido nos círculos científicos europeus e estadunidenses, sendo lembrado e aclamado somente no Haiti. Sobre a influência do pensamento de Firmin no Haiti, pode-se destacar sua presença nas reflexões de autores do movimento indigenista haitiano, em especial de Jean Price-Mars (DÉUS, 2020). Da mesma forma, o diálogo de Firmin com seus contemporâneos haitianos, explorado brevemente neste artigo na seção anterior no debate sobre as relações raciais e o colonialismo francês, demonstram a circularidade de suas teses. Em 1912, Andre Demtrius publica uma

²⁴No original: "Revenus à la vérité, ils reconnaîtront que les hommes sont partout doués des mêmes qualités et des mêmes défauts, sans distinction de couleur ni de forme anatomique. Les races sont égales; elles sont toutes capables de s'élever aux plus nobles vertus, au plus haut développement intellectuel, comme de tomber dans la plus complète dégénération."

obra em homenagem à Firmin: *L'anniversaire ou éloge de Joseph-Anténor Firmin*.

No tocante a difusão do livro *Da Igualdade das Raças Humanas*, Garnica (2020) salienta que no mesmo ano de seu lançamento, 1885, houve aquisição da obra em bibliotecas alemãs e estadunidenses, assim como uma resenha crítica por parte de Leonce Manouvrier, também membro da Sociedade de Antropologia de Paris e seguidor de Broca, discordando da possibilidade de igualdade das raças humanas. Para o autor, houve três momentos de debates sobre a obra firminiana no contexto europeu: as respostas, principalmente entre o círculo de intelectuais franceses, discordando da tese de igualdade publicados em jornais no período de cinco anos após a publicação; o segundo momento a partir da criação *La Fraternité: Organe des Intérêts d'Haïti et de la Race Noire*, revista organizada por Benito Sylvain em 1890 que acolhia as ideias firminianas e tentava difundí-las num contexto de colonialismo francês; e por fim, um compilado de publicações entre 1900 e 1908 que debatiam o ativismo político de Firmin, suas tentativas de retorno ao Haiti após o pleito em Nord Alexis (GARNICA, 2020). Ainda no contexto europeu, Fluehr-Lobban (2007) afirma que a obra foi catalogada como parte do acervo da Sociedade de Antropologia de Paris, apesar de nunca ser objeto de debate nas seções da mesma.

Por outro lado, a obra de Gobineau influenciou a ciência em várias partes do mundo, inclusive chegando ao Brasil a partir da missão diplomática de 1869, quando escreveu sua célebre tese que o povo brasileiro estava fadado à extinção tendo em vista o déficit de elementos europeus e de civilização na população. O pensamento de Gobineau deu as bases para a política migratória eugenista posta em prática no Brasil nos anos finais do século XIX e início do XX. Como apontado por Schwarcz (1993), os pensadores leram as teorias deterministas raciais de forma diferente, pois pensava-se a possibilidade de criar uma nação mestiça para branquear a população. Koifman (2012), ao analisar os documentos do Serviço de Visto do Ministério da Justiça e Negócios Interiores entre 1941-1945, demarca os requisitos físicos e morais para ingressar ao país: ter fenótipo branco, uma origem étnica definida ao solicitar o visto, não estar nas categorias de "aleijados e mutilados". Conforme Seyferth (1996, p. 51), o projeto de branqueamento da população brasileira visava criar um tipo ideal de povo cujo fenótipo deveria ser branco: "tratava-se de uma construção racial – clarear a pele dos brasileiros do futuro[...]". Assim, a política de branqueamento deu bases para a fundação do "mito da democracia racial", um dos grandes artifícios de barragem da ascensão da população negra brasileira (MOURA, 2019), que perdura no imaginário social até os dias de hoje.

Resgatar a importância da obra de Firmin para a Antropologia é discutir a busca da descolonização dos nossos currículos acadêmicos, pois as bases teóricas coloniais continuam sendo estudadas numa proporção maior e com traduções que as tornam mais acessíveis. A obra de Firmin foi redescoberta nos Estados Unidos no início dos anos 2000, quando houve a tradução para o inglês do livro *Da Igualdade das Raças Humanas: Antropologia Positivista*, com a Conferência *Redes-*

cobrando Anténor Firmin, *Pioneiro da antropologia e Pan-Africanismo*, realizada em 2001 na Universidade Rhode Island, na publicação do artigo: *Anténor Firmin, o pioneiro Haitiano da Antropologia*, por Carolyn Fluher-Lobban, em 2000. Depois disso, a produção estadunidense sobre a obra do autor aumentou consideravelmente, mas nem se compara aos números de Gobineau²⁵.

ENEGRECENDO E DESCOLONIZANDO A ANTROPOLOGIA

A partir do exposto acima e em consonância com a análise de Kilomba (2019), a academia é um espaço que reproduz uma “ordem violenta colonial”, da qual resulta uma hierarquia que determina quem pode falar. É essas hierarquias que demarcam que mesmo que Firmin tenha alcançado o centro geograficamente a partir de sua mudança para Paris e entrada na Sociedade de Antropologia de Paris, ele continuava à margem por produzir sobre o Haiti e as populações compreendidas como inferiores, assim como hooks (2019) afirma estar na margem significa ser parte do todo, mas fora do corpo principal. Esse lugar à margem significa tanto o geográfico como um espaço social de resistência às opressões, criando novos papéis dentro da organização colonial (KILOMBA, 2019).

A ciência tem um papel de reprodução das relações raciais de poder ao impor o que é considerado verdade e em que se acredita. Conforme Collins (2019), como os processos de validação do conhecimento são controlados por homens brancos de elite e aquilo que prevalece como verdade reflete o interesse desse grupo. Assim, na perspectiva de Collins (2019), os grupos historicamente subalternizados têm produzido conhecimento independente, mas por conta da matriz de dominação, esse conhecimento fica de fora do escopo acadêmico quando não negociado com o grupo que controla a validação. Os grupos historicamente subalternizados, ao ingressarem no ambiente acadêmico, são vistos como *outsiders* (de fora) e são exigidos a compreender as dinâmicas de opressões para conquistar espaços destinados aos *insiders* (de dentro) (COLLINS, 2019). Para Kilomba (2019), a academia insiste em demarcar que os corpos negros estão “fora do lugar” e que, portanto, devem retomar aos “seus lugares”, um lugar de silêncio.

O processo de enegrecer e descolonizar a Antropologia envolve uma re-

²⁵Esta afirmação é feita com base em pesquisa bibliométrica em andamento desenvolvida pela autora. A primeira etapa desta pesquisa foi realizada através do software Publish or Perish, que analisa citações acadêmicas cujos parâmetros são o índice-h e g-index. Os dados são selecionados através do Google Acadêmico, plataforma gratuita. Dentro do software, pesquisaram-se pelas seguintes palavras-chaves: “Anténor Firmin” AND “Anthropology” e “Arthur de Gobienau” AND “Antrhopology”. A escolha da pesquisa em inglês foi para abarcar mais artigos e a segunda palavra-chave foi escolhida para reduzir a área de análise dos autores, haja vista que ambos são estudados em outras áreas. Para cada palavra-chave foram realizadas duas pesquisas, uma cuja data é entre 2000 e 2020 para verificar o período recente e outra sem definição de data. A respeito da primeira palavra-chave, “Anténor Firmin” AND “Anthropology”, encontraram-se 517 trabalhos entre 1883-2020, e quando se definiu o marco temporal entre 2000 e 2020 foram encontrados 448 trabalhos, o que reforça o argumento que, a partir das traduções para o inglês e espanhol, aumentou a produção acadêmica sobre sua obra. Já para o segundo grupo de palavras-chave, foram encontrados os seguintes resultados: sem restrição temporal, um total de 1370 e com o limite temporal (2000-2020), 997 trabalhos. A segunda etapa ainda está em andamento e consiste numa análise qualitativa dos trabalhos encontrados, categorizando pela filiação institucional dos autores e os temas que eles abordam na análise das obras.

cuperação da produção de Anténor Firmin num sentido *sankofa*²⁶, utilizar essa produção para compreender o hoje da Antropologia e projetar um futuro com bases diversas. Utilizando a perspectiva *sankofa*, quero argumentar que ainda está em tempo de recuperarmos a produção de homens e mulheres negras que foram esquecidos sistematicamente na área da Antropologia. No Brasil, principalmente, a Antropologia se mantém uma disciplina branca eurocêntrica, invisibilizando produções de intelectuais como Lélia Gonzalez²⁷, antropóloga negra brasileira, que ainda está em processo de aceitação dentro dos ambientes acadêmicos.

O processo de reconhecer os intelectuais negros que foram apagados da história das disciplinas está sendo possível a partir das políticas de ações afirmativas nas universidades públicas, as quais resultaram no ingresso de estudantes vistos como *outsiders*, para utilizar Collins. Com esses estudantes, ingressaram também novas epistemologias e paradigmas que questionam aquilo que é tido como verdade universal e absoluta. Meu acesso à universidade foi marcado por uma busca de ser acompanhada por um corpo teórico de homens e mulheres que, assim como eu, estavam nos grupos marginalizados. Desde que encontrei Firmin através dos diálogos e trocas com meus interlocutores haitianos, trago-o como uma referência, assim como outros clássicos da área. Dessa forma, se Firmin, como um importante teórico da Antropologia, foi apagado dos manuais e disciplinas da área por aqueles que validam o que é conhecimento, e cabe a nós, estudantes *outsiders* ou “fora do lugar” que ingressamos na academia, reivindicarmos o lugar de Firmin na produção de conhecimento dessa área.

O silenciamento de Firmin é uma continuação do epistemicídio que, conforme Carneiro (2005), é um processo de negação de educação de qualidade, bem como os diferentes mecanismos de deslegitimação da capacidade intelectual dos negros comprometida pela carência material. Segundo a autora, o epistemicídio funciona como um dispositivo de controle de racionalidade e biopoder direcionado a uma coletividade – aos negros – para controlar mentes e corações. Com isso, esse dispositivo é responsável por matar, física e intelectualmente, a produção de saber dos povos subalternizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade fundou uma colonialidade do saber (LANDER, 2005), a qual acredita numa racionalidade técnico-científica e epistemológica cujo conhecimento produzido pelo Centro, Europa e Estados Unidos é universal, neutro e verdadeiro. Desafiar essa Colonialidade do Poder implica em conhecer a produção de teóricos que foram marginalizados dentro do conhecimento global. A

²⁶Provérbio Akan, grupo étnico que estavam localizado onde hoje é Gana e Costa do Marfim, “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, que em português é traduzido como “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”.

²⁷Apesar de ter uma ampla produção intelectual entre as décadas de 1970 e 1980, somente em 2018 sua obra foi reunida e organizada no livro Primavera para Rosas Negras e em 2020 foi lançado o Por um feminismo Afrolatinoamericano, que também cumpre esse papel de reunir e democratizar o acesso à obra dessa pensadora.

obra de Firmin vai muito além da crítica racial, como afirma Charles (2014): é um tratado de um novo humanismo, que aos poucos vai sendo conhecido através das pesquisas (DÉUS, 2020; MARQUES & KOSBY, 2020).

A obra de Firmin desafiou as concepções hegemônicas a sua época sobre raças. Devido ao lugar social ocupado por este intelectual haitiano, a obra dele se mantém desconhecida no campo intelectual se comparada com a produção de Gobineau, apesar de ambos escreverem em períodos próximos e participarem da mesma instituição, a Sociedade de Antropologia de Paris. Dessa forma, como exposto durante este artigo, o rigor científico e o fato de estar inserido numa instituição que valida o conhecimento não garantem que intelectuais do Sul Global sejam reconhecidos como tal devido à colonialidade do saber. No caso de Firmin, a sua cor desafia o paradigma da inferioridade do negro, logo ele desafiava o discurso hegemônico e, tal como a história do Haiti, deveria ser silenciado. Assim como Firmin, outros intelectuais negros foram silenciados nos campos de conhecimento pela prevalência do epistemicídio. Como defendido durante este artigo, é com produção intelectual daqueles compreendidos como “fora do lugar” que romperemos o silenciamento dos intelectuais negros, especialmente na área da Antropologia.

REFERÊNCIAS

- ASAD, Talal; REINHARDT, Bruno. Introdução a "Anthropology and the Colonial Encounter", Talal Asad. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 19, n. 2, p. 313-327, 2017.
- BERNASCONI, Robert. A Haitian in Paris: Anténor Firmin as a philosopher against racism. **Patterns of Prejudice**, v. 42, n. 4-5, p. 365-383, 2008.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHARLES, Asselin. Race and geopolitics in the work of Antenor Firmin. **Journal of Pan African Studies**, v. 7, n. 2, p. 68-88, 2014.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.
- DÉUS, Frantz Rousseau. A Antropologia Haitiana e a Questão Racial no Século XIX. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 1, p. 207-224.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- FIRMIN, Joseph Auguste Anténor. **De l'Égalité des Races Humaines: Anthropologie Positive**. Paris : Librairie Cotillon, 1885.
- _____.FIRMIN, Joseph-Anténor. **M. Roosevelt, président des États-Unis et la République d'Haïti**. New York : Hamilton Bank Note Engraving and Printing Company, 1905.
- _____.**Lettres de Saint-Thomas : Études sociologiques, historiques et littéraires**. Paris: Libraires-Éditeurs, 1910.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin: Haitian pioneer of anthropology. **American Anthropologist**, v. 102, n. 3, p. 449-466, 2000.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin and Haiti's contribution to anthropology. **Gradhiva. Revue d'anthropologie et d'histoire des arts**, n. 1, p. 95-108, 2005.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. 9. Anténor Firmin, Nineteenth-Century Pioneering Anthropologist: His Influence on Anthropology in North America and the Caribbean. **Histories of Anthropology Annual**, v. 3, n. 1, p. 167-183, 2007.
- GARNICA, Saúl Michel García. **Haití y la construcción del concepto de raza en la obra de Anténor Firmin, 1885-1910**. Ciudad de México, 2020.
- HARRIS, Marvin. **The Rise of Anthropological Theory: A History of Theories of Culture**. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1968.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Editora Paz e Terra, 2015.
- HOFFMANN, Léon-François. **Haïti: couleurs, croyances, créole**. Editions H. Deschamps, 1990.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2018.
- JOSEPH, C. Antenor Firmin, the Egyptian Question and Afrocentric Imagination. **The Journal of Pan-African Studies**, v. 7, n. 2, p. 127-176, 2014.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante Ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LABELLE, Micheline. **Idéologie de couleur et classes sociales en Haïti**. Montreal: Presses de l'Université de Montréal, 1978.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 21-53, 2005.

MARQUES, Pâmela Marconatto; KOSBY, Marília Flôor. ANTÉNOR FIRMIN, JEAN PRICE-MARS, JACQUES ROUMAIN: Antropólogos haitianos repovoando as narrativas históricas da Antropologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica a Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MINTZ, Sidney Vilfred. **O poder amargo do açúcar**: produtores escravizados, consumidores e proletarizados. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NICHOLLS, David. Race, couleur et indépendance en Haïti (1804-1825). **Revue d'histoire moderne et contemporaine (1954-)**, v. 25, n. 2, p. 177-212, 1978.

OBENGA, Théophile. Homage to Anténor Firmin (1850-1911), Haitian Egyptologist. **Africology: The Journal of Pan African Studies**, v. 7, p. 108-126, 2014.

PERIA, Juan Francisco Martínez. Jean Louis Vastey y Anténor Firmin: intelectuales de la Revolución Haitiana. Universidad Nacional de San Martín. Centro de Estudios Latinoamericanos; **Cuadernos del CEL**, 2017, Vol. II, Nº 4, p. 120-132. ISSN: 2469-150X.

PRICE-MARS, Jean. **Anténor Firmin**. [Port-au-Prince]: Imp. Séminaire adventiste, 1978.

PLUMMER, Brenda Gayle. **Haiti and the great powers: 1902-1905**. Louisiana: Louisiana State University Press, 1988.

ROGERS, Dominique. De l'origine du préjugé de couleur en Haïti. **Outre-Mers. Revue d'histoire**, v. 90, n. 340, p. 83-101, 2003.

THOMAZ, Omar. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. **Cadernos de Campo**, v.20, n.20, p.273-284, 2011.

TROUILLOT, Michel-Rolph. A região do Caribe: Uma fronteira aberta na Teoria Antropológica. **Afro-Ásia**, n. 58, p. 189-232, 2018.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past**: Power and the production of history. Beacon Press, 1995.

TROITINHO, Bruna Ribeiro. Política de Acesso ao Ensino Superior e o sonho do diploma Diaspora haitiano. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 8, n. 16, p. 225-254, 2019.

SINISIN, Mahougnon. Le Concept D'égalité chez Anténor Firmin. **NOTE DE RECHERCHE**, Università Pontificia Salesiana, Roma: 2020. Disponível em <https://www.thinkingafrica.org/V2/wp-content/uploads/2020/04/ndr-46.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.

WILLIAMS, Gershom. Deconstructing pseudo-scientific anthropology: Antenor firm in and the reconceptualization of African humanity. **The Journal of Pan African Studies**, v. 7, n. 2, p. 9-32, 2014.